

PRECONCEITO: NINGUÉM NASCE COM ELE! UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Emanuela de Oliveira Cruz – Graduanda Pedagogia/UEPB

Luíza Thuane Nóbrega Guedes – Graduanda Pedagogia/UEPB

Profª Glória Mª Leitão de Souza Melo – Orientadora/UEPB

Introdução

Vivemos em um país onde a multiplicidade de formas de ser, fazer, sentir, pensar e se expressar predomina em nosso meio, país este marcado pela diversidade de povos, raças, cores, sexos e religiões.

Diversidade esta que podemos constatar ao nosso redor diariamente, a cada passo que damos, percebemos a variedade de povos que compartilham conosco o sentido de ser brasileiro, fruto de uma miscigenação de raças e modos de ser.

No entanto, esta multiplicidade foi desconsiderada por muito tempo, tempo este em que foi negada a verdadeira história do Brasil e ocultada a participação do povo indígena e africano na formação de nosso povo. Diante disto, fez-se necessário a luta de várias pessoas no intuito de conseguirem uma forma de tornar visível a presença afro e indígena em nosso meio e conseqüentemente destacar sua contribuição para a formação e a cultura de nosso povo.

Para isso, foram instituídos uma série de documentos voltados ao sistema educacional que salientam a necessidade de incluir na prática educativa de todo educador e nos conteúdos trabalhados em sala de aula a discussão da diversidade cultural e social. Alguns deles são: Constituição Federal de 1988, a LDB de 96, a Lei 10.639/03 as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais de 2004 e a Lei 11.645/08. Esta última, bastante recente, traz a necessidade de serem discutidas as questões referentes à história e cultura afrobrasileira e indígena já

nos anos iniciais do ensino infantil, trazendo para o contexto do trabalho em sala a 'parte' da história dos africanos que, durante muito tempo foi desconsiderada.

A Lei 10.639/03, em seu artigo 26-A diz que: "Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira".

Diz ainda, em seu § 2º que: "Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras".

A diversidade social e cultural desfaz o conceito da educação que busca encontrar e formar indivíduos homogêneos. Este modelo de educação desenvolve uma prática que termina por invisibilizar o 'diferente'. É uma proposta de modelo de educação vigente há muito tempo e que ainda hoje é desenvolvida em muitas escolas. Porém esta mesma vem sendo substituída por um perfil heterogêneo dos indivíduos.

A educação vem abarcando a necessidade de considerar também aqueles que anteriormente eram moldados para se tornarem iguais. É a educação que considera as diferenças. Uma educação com essas funções contribui para o desmanche de atos e atitudes de preconceito e discriminação à cultura e povo negro, questão imprescindível a ser realizada. A Constituição de 1988, em seu artigo 2º, diz que é indispensável: "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação".

Hoje não se pode mais desconsiderar a pluralidade existente em nosso cotidiano escolar e social. Cada educando possui um modo de vida, uma forma única de compreender o mundo, uma religiosidade ou crença, um comportamento pessoal único, características físicas e pessoais bastante divergentes, entre outras características.

A diversidade é uma questão presente em nossa realidade e que, conseqüentemente, se encontra no interior das instituições escolares, expressa através da atual configuração que as mesmas apresentam. Nesta configuração encontra-se o público ao qual a escola recebe e atende. Este público, no caso as crianças, no qual o

educador terá que lidar é que passará por um processo educativo pautado no modelo de educação transformadora ou elitista.

O povo africano contribuiu em muito com a formação de nossa nação brasileira. Mas isto nem sempre é lembrado. Na maioria das vezes, a cultura do povo africano é ‘vista’ como inferior ou até mesmo mal e errada. Esta é uma ideologia predominante em nossa sociedade e que não é refletida pelas pessoas. A educação tem o poder de conduzir os educandos a refletirem sobre os acontecimentos mais diversos, e entre eles está a reflexão sobre as ideologias e ideias que nos são passadas.

As leis referentes à questão da inserção do ensino da história e cultura africana auxiliam nesse processo de desmanche de preconceitos ao mesmo tempo em que desenvolve uma educação que constrói novas formas de ‘enxergar’ a nossa história e os povos que nela influenciaram e contribuíram com sua parcela, como o povo africano que teve uma importante influencia em nossa constituição enquanto indivíduos.

Nesse sentido, a presente análise tem o objetivo de destacar o resultado das observações realizadas durante o período do Estágio Supervisionado IV, realizado em uma Creche e Pré-Escola do município de Campina Grande – PB.

O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação e da participação, o licenciando poderá refletir sobre e enxergar futuras ações pedagógicas.

O Estágio é importantíssimo na formação do futuro educador, pois através dele o aluno terá seu primeiro contato com a realidade na qual atuará. Assim, sua formação tornar-se-á mais realista, pois ao unir a teoria com a prática, o aluno tem a oportunidade de utilizar tudo o que já foi estudado em uma sala de aula, com alunos “reais”.

É neste momento em que ele desenvolverá sua prática pedagógica, conhecerá a realidade e principalmente refletirá sobre tudo o que tem visto no seu ambiente acadêmico e confrontará como o vivenciado na vida real, para poder sair definitivamente um pouco preparado do seu ambiente de estudo.

Sendo assim, a partir das vivências do estágio docente, foram realizadas algumas observações referentes às relações etnicorraciais no ambiente escolar, sejam elas entre professor e aluno, como aluno e aluno. Assim, segue abaixo as análises realizadas sobre as mesmas.

Descrição e Análises dos Resultados

Como mencionado acima, as observações foram realizadas em uma Creche e Pré-Escola localizada no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande – PB. A presente instituição é composta por quatro salas de aula, cada uma composta pelas turmas do Maternal I, Maternal II, Pré I e Pré II; um dormitório; um refeitório; dois banheiros; uma cozinha; uma diretoria; um espaço de recreação para as crianças na área externa e um pátio na área interna.

Tais análises foram feitas durante o turno da tarde, onde se observou desde o convívio das crianças entre si, o comportamento e comentários dos funcionários, como também o depoimento de uma das professoras referente à temática.

Desde os primeiros dias, procuramos saber se a instituição possuía algum material que pudesse usá-lo para trabalhar com as crianças o respeito ao outro, a diferença de raça, cor e cultura e a valorização de cada uma delas. Constatamos que a mesma, possui uma boa carga de materiais que poderiam sim, ser utilizado durante as aulas, com as crianças, desde a resolução destinada a todas as escolas do município de Campina Grande, tornando obrigatório o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, como uma série de livros paradidáticos e fantoches.

Nos primeiros dias, a diretora da instituição, mostrou-me todo o material disponível para um melhor ensino para as crianças, mas infelizmente, durante o período de observação, não os vi sendo usados em nenhum momento. Neste momento nos questionamos por qual motivo a temática não foi trabalhada, se a própria instituição possuía material suficiente para isso?

As observações foram realizadas durante os meses de setembro a novembro de 2011, e durante todo esse período, infelizmente não vimos nenhum trabalho sobre tal questão. Em uma conversa com uma das professoras da instituição, a mesma comentou que já havia realizado todo um projeto com sua turma interior, em que mostrou para as crianças um pouco da cultura africana, assim como proporcionou para elas, momentos em que vivenciassem um pouco da mesma, utilizando a capoeira e algumas músicas originadas da África.

Segundo a professora, o projeto obteve grandes resultados e repercussão na instituição, de modo que acabou envolvendo todos no mesmo. Algo que consideramos bastante relevante, pois acreditamos que vale a pena sim tal temática ser trabalhada desde a educação infantil, de forma a construir nas crianças um pensamento sem preconceito com relação ao outro e suas diferenças.

Pois, como afirmamos no título do trabalho, acreditamos que “ninguém nasce preconceituoso”, tal prática não é nada mais do que algo construído socialmente, que, se desde a infância, a criança tiver a oportunidade de manter contato com o outro lado da história, ou seja, com a história que não é contada, com certeza ela terá uma boa base para crescer um ser humano melhor e menos preconceituoso. Dessa forma,

A escola precisa, assim, acolher, criticar e colocar em contato diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas. A contemporaneidade requer culturas que se misturem e ressoem mutuamente, que convivam e se modifiquem (MOREIRA E CANDAU, 2008, p.35-36).

No mundo em que vivemos, torna-se cada vez mais urgente a existência de pessoas capazes de reconhecer o outro como sendo diferente, mas que independente de suas práticas, crenças e formas de viver, possuem o direito de serem respeitadas como um ser humano igual em seus direitos e deveres.

No decorrer de nossa conversa, a professora contou que havia uma situação de preconceito em sua sala, com uma menina aparentemente de pele clara, mas com características negras, uma delas e a mais reconhecida, o cabelo. Segundo ela, essa criança era “rejeitada” por todos e não reagia a nenhuma situação que acontecesse com

ela, sendo ela super tímida, não saberia ainda defender-se sozinha. Após perceber tal situação, a professora comenta que realizou todo um trabalho de conscientização com as crianças, na intenção que percebessem que assim como as outras, a coleguinha merecia ser considerada e aceita pelo grupo, no entanto, tal processo de conscientização, não surtiu efeito em todos os alunos e atualmente, segundo a professora, a situação amenizou mas não findou.

De acordo com o que está posto na Constituição Brasileira de 1988 em seu Artigo 206 e na LDB/96 em seu Artigo 3º o ensino deverá ser ministrado com base em vários princípios, dentre eles: “(...) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; [e o] pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, (...)” Entendendo-se assim, que o nosso ensino deverá ser norteado pelo reconhecimento da pluralidade sociocultural da sociedade brasileira e da realidade diversificada dos alunos presentes em sala de aula, o que possibilitará edificar uma proposta de “educação para diversidade”, ancorada na consideração e valorização da cultura de cada um.

Durante a observação, outras três situações nos chamaram bastante atenção, uma delas, foi uma conversa dentro da direção, em que observamos que falavam do negro de forma bastante pejorativa, e ao comentarem sobre algo que determinada pessoa usava, foi dita a seguinte frase: além de ser negro ainda usa isso, imagina como vai ficar. E todos presentes riram da situação. Nesse momento, sem intervir, apenas observando, outro questionamento surgiu: - São essas pessoas que irão contribuir para a formação de alunos mais conscientes e menos preconceituosos? Torna-se cada vez mais claro o quando o preconceito está “inflamado” dentro das pessoas, de forma que, através de simples brincadeiras, acabam demonstrando isso.

Outra situação observada foi o comportamento de uma aluna negra durante o intervalo das crianças, durante alguns dias observados, a menina sempre sentava caladinha e sozinha em um dos bancos da instituição e ali ficava durante alguns minutos enquanto suas colegas brincavam pelo pátio. Procuramos conversar com ela algumas vezes, o que não surtiu muito efeito, pois ela quase não respondia o que falávamos.

Durante uma conversa com a diretora, questionamos se aquele comportamento da menina era constante e se havia um motivo exato para tal, segundo ela, ela estava daquela forma apenas por ter sido transferida do turno da manhã para a tarde e não ter um total entrosamento com seus colegas, que em breve ela ficaria bem. Escutamos mas permanecemos duvidosas.

Em um dos últimos dias de observação, durante um momento de brincadeira espontânea, nos deparei com uma criança, de pele, olhos e cabelos claros, brincando com uma boneca negra, situação que nos chamou bastante atenção. Aproxima-nos então da garota e perguntamos para ela: - Você gosta de brincar com ela? E ela respondeu: - É minha filhinha pretinha. E abraçou a boneca.

Situação esta, que deixou mais claro o fato de que criança alguma nasce com preconceito dentro de si, atitudes preconceituosas são construídas socialmente e cabe a nós, professores, lutarmos na construção de cidadãos mais “humanos” e conscientes. Pode ser difícil, mas não é impossível.

Considerações Finais

Sendo assim, destacamos mais uma vez a importância de trabalhar com as crianças o respeito ao outro independente de sua diferença desde a educação infantil, pois, sabemos que é nos primeiros anos de vida que a criança forma sua personalidade, personalidade esta que levará até sua fase adulta, sofrendo apenas algumas alterações.

E se desde pequena as professores trabalharem com elas a noção de valores e de respeito, explicando a seu modo que seu colega, independente de ter uma cor de pele diferente da dela é igual a ele e é bonita como ela, ela crescerá com esta concepção, aprendendo a considerar todas as pessoas e jamais descriminá-las por serem diferentes.

Vivemos em uma época que é urgente o trabalho com os valores humanos, com o amor, a cidadania, a solidariedade e o respeito. Pois, quanto mais os tempos evoluem mais crescem a competitividade e o individualismo nas pessoas, aos poucos estamos

esquecendo que precisamos do outro e lembrando apenas de nossos interesses e nosso benefício, ainda que isso possa prejudicar a outras pessoas.

Diante desta realidade, somente a união da família com a escola poderá contribuir com a formação de melhores cidadãos, mais críticos, participativos, conscientes de seu pertencimento etnicorracial e orgulhosos do mesmo, pois, se a criança negra não tem acesso a uma boa imagem do negro, como poderá identificar-se com ele? Somente conhecendo a verdadeira história de nosso povo e a contribuição dos africanos para nossa formação, de forma lúdica e adequada a sua compreensão, é que as crianças irão se formar adultos seguros de suas identidades, éticos e respeitosos.

Necessário se faz que todos nós professores, tenhamos consciência desta responsabilidade e da necessidade de reagirmos diante desta realidade. Para que um dia, tudo aconteça com afirma Martin Luter King *“Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade, não pela cor de sua pele”*. Que nossos filhos sejam vistos e considerados pelo caráter que possuem e não apenas por sua diferença.

Referências:

BRASIL. Constituição da República do Brasil. 36 edição Atualizada e Ampliada. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Secretaria Especial de políticas de Promoção de Igualdade Racial/MEC, 2004.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade cultural/Orientação sexual. 3ª edição. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 2001. Volume 10.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítica-compreensiva – artigo a artigo. 16ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 9-10.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

MOREIRA, F. B. & CANDAU, V. M. Indagações sobre o currículo: Currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.